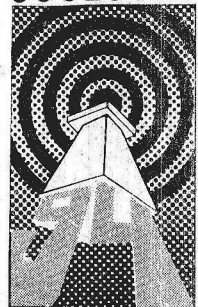


Congresso se “renova” com a volta de veteranos

GERALDA FERNANDES

SUCESSÃO



A expectativa de renovação de aproximadamente 60% na Câmara Federal e de 70% no Senado nas próximas eleições não seguirá ao pé da letra a definição de Aurélio Buarque de Holanda, de que renovar significa “tornar novo”. A confirmar os índices das pesquisas de intenção de votos, o Congresso vai receber de volta antigos parlamentares e políticos já escalados em mandatos estaduais ou pela passagem por cargos no Executivo, de prefeito a ministro. Mais que uma renovação, será um rodízio. Chegam ao Congresso “raposas” como Antônio Carlos Magalhães, Paes de Andrade, Roberto Requião, Nelson Marchezan, Carlos Chiarelli, Bernardo Cabral, Moreira Franco, Newton Cardoso, Franco Montoro e tantos outros nomes já conhecidos dos eleitores.

Levantamento realizado pelo Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (Diap), com base nas pesquisas da preferência popular em cada Estado, mostra que ter nome conhecido facilita na hora de buscar votos. O eleitor assimila mais facilmente os nomes, sem distinção de partido, de corrente ideológica e sem associar ao êxito ou fracasso do cargo ou mandato exercido anteriormente. “Os ex-detentores de funções nos governos ou mandatos legislativos ocupam o primeiro lugar na tendência do eleitorado”, destacou Antônio Augusto, coordenador da pesquisa do Diap.

Memória — Os eleitores de São Paulo vão mandar para a Câmara o ex-governador e ex-senador Franco Montoro, fundador do PSDB e cotado várias vezes para o cargo de chanceler. Montoro está na memória dos paulistas, mas a sua própria é tida como frágil. É freqüente ao político trocar nomes, datas, horários e lugares. Com chances de tornar-se deputado está também o ex-ministro do Trabalho e Previdência de João Goulart e ex-vice-governador do Estado, Almino Afonso, do velho PTB, amigo de Jango, que mais tarde virou querista de carteirinha e hoje compõe a legenda do PSDB.

Ex-secretários do Ministério da Economia no governo Collor, Antônio Kandir — da equipe da ministra Zélia Cardoso de Mello, que elaborou o plano do confisco da poupança — e Roberto Macedo, do grupo do ministro Marcílio Marques Moreira, disputam com vantagens nas pesquisas uma das 60 vagas de deputado. Ambos pelo PSDB. Já o PMDB tem quatro fa-

voritos para a Câmara: o vice-governador Aloízio Nunes Ferreira; o ex-secretário de Saúde de Orestes Quércia, Aristodemu Pinotti; o ex-secretário de Governo de Luiz Antônio Fleury Filho e ex-deputado Wagner Rossi; e a ex-secretária para Assuntos do Menor do governo Itamar Franco, Alda Marcoantônio.

No páreo para o Senado ocupa o primeiro lugar na preferência popular o hoje deputado José Serra, do PSDB, economista de primeira hora e campeão de votos. O “xerife” Romeu Tuma, ex-superintendente da Polícia Federal e conhecido pela determinação de apreender “boi no pasto”, quando do desabastecimento ocorrido com a implantação do Plano Cruzado, no governo Sarney, também está contado para uma vaga — ele disputa pelo PL. Segue ainda a ex-prefeita de São Paulo, Luíza Erundina, quase expulsa do PT por ter aceito o cargo de ministra da Administração do governo Itamar Franco, sem a aprovação do partido.

Favoritos — A Câmara dos Deputados deverá receber outros dois representantes muito conhecidos, especialmente dos mineiros. Alvo de inúmeras denúncias por corrupção em seu mandato, o ex-governador de Minas Gerais, Newton Cardoso, deve ser um dos eleitos pelo PMDB. Já o PFL tem como cotado o amigo e ex-ministro da Fazenda no governo Itamar, Elizeu Rezende, que deixou a pasta alvo de denúncias de favorecimento à empreiteira Norberto Odebrecht, da qual foi diretor. Em 1982, Rezende disputou o governo do Estado com o ex-presidente Tancredo Neves e perdeu.

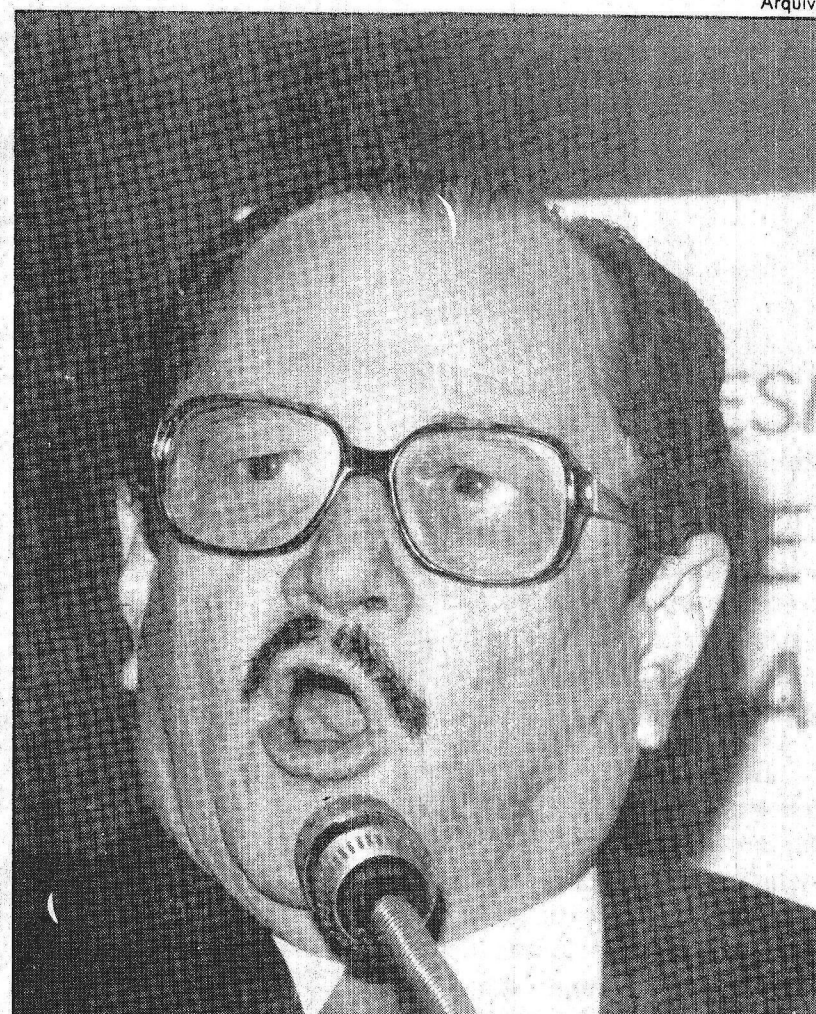
Para o Senado, os eleitores de Minas devem eleger o ex-governador Francelino Pereira, do PFL, famoso pela declaração de que a Arena era o maior partido do Ocidente e também pela repetida indagação “que País é este?”, numa referência às dúvidas de que o então presidente Ernesto Geisel assinaria medidas liberalizantes, como o fim do AI-5, contra a Emenda Montoro, que propunha o fim dos senadores e governadores biônicos. Geisel acenou com as mudanças, ninguém acreditou e Francelino questionou que país era o Brasil, onde se duvidava da palavra do presidente da República. A outra vaga deve ficar para o ex-senador e ex-ministro da Indústria e Comércio Murilo Badaró, do PP. Concorre com alguma chance o líder do PMDB na Câmara, deputado Tarcísio Delgado.

Troca — Entre os mais conhecidos dos eleitores do Rio de Janeiro está o ex-governador Moreira Franco, lembrado pelo lema “meu nome é trabalho”. A tarefa, agora, é ganhar uma vaga para deputado federal, pelo PSDB. Também o ex-prefeito do Rio e ex-senador Saturnino Braga, do PDT, está bem posicionado na disputa pela Câmara. Na preferência das pesquisas está também a deputada Benedita da Silva, do PT, que quer trocar a Câmara pelo Senado.

Os capixabas também têm seu nome conhecido de outros mandatos, o ex-senador José Inácio Ferreira. Aplaudido por ter denunciado, juntamente com Itamar Franco e Carlos Chiarelli, irregularidades no governo Sarney, dando origem à CPI da Corrupção, José Inácio foi duramente criticado quando presidiu a Telebrás. Os empregados da estatal afirmam que a gestão foi um desastre. (Colaborou Letícia Borges)



Montoro retorna ao Congresso, como deputado, pelo PSDB, enquanto Paes de Andrade, sumido após episódio Mombaça, volta pelo PMDB



Arquivo



Requião: meta é o Senado